

Despertar o olhar: Até que ponto as políticas sociais definem o padrão de mulher?

Kamilla Ribeiro Fonseca

WAKE A LOOK: HOW LONG SOCIAL POLITICS DEFINE THE THE WOMAN PATTERN?

RESUMO:

O presente artigo apresentará uma análise da discussão sobre gênero e banalização da mulher, vinculando-os a organização das políticas sociais. Sendo assim, em um primeiro momento serão apresentados alguns conceitos, que exemplifiquem tais discussões. Posteriormente, será exposto o trabalho de conclusão de curso de um grupo de alunas da pastoral universitária da PUC-Rio realizado na Escola Municipal Christiano Hamann, que teve o objetivo de desconstruir os principais enfoques adotados pela sociedade nas últimas décadas, no que diz respeito a questão de gênero.

Palavras-chave: Feminismo; Objetificação da mulher; Desigualdade de gênero; Cultura do estupro

ABSTRACT:

This article will present an analysis of the discussion about gender and the woman's trivialisation, relating them with the organization of the social politics. Being like this, in a first moment will be presented some concepts to exemplify this discussions. Later, the conclusion's course work of a students group belongs the university pastoral PUC-Rio released in a Municipal School Christiano Hamann will be exposed, that had the objective to break up the main focuses adopted by the society in the last decades, in what to respect the gender subject.

Keywords: Feminism; Woman like a object; Gender inequality; Rape Culture

INTRODUÇÃO:

Em que medida as diferenças entre homens e mulheres são biológicas e sociais e como os padrões estabelecidos socialmente influenciam nas escolhas dos mesmos? Sabe-se que homens e mulheres nascem com a mesma capacidade cerebral, o que vai influenciar é o estímulo recebido por cada um.

A ideia da inferioridade feminina atravessou séculos, e nossos antepassados acreditavam que a mulher era um ser submisso que jamais alcançaria o nível de inteligência do homem. Durante a revolução francesa que pregava igualdade, fraternidade e liberdade, as mulheres lutaram ao lado dos homens, e tiveram grande importância na conquista dos objetivos revolucionários. Mas com o fim da revolução as mulheres continuaram a ser subjugadas. Então, após a segunda guerra mundial uma voz eclodia pelo mundo contra o preconceito imposto por uma sociedade machista e patriarcal.

As conquistas da mulher durante o século XX e início do século XXI são inegáveis. Da presidência do Brasil aos esportes femininos, o empoderamento feminino está em pauta. E é um dos principais assuntos discutidos no cotidiano, nas redes sociais. Esse é um dos motivos pelo qual o feminismo, a luta antirracista e o combate às opressões teve protagonismo no Enem (Exame Nacional do Ensino Médio) de 2015, que abordou em uma de suas questões a filósofa francesa Simone de Beauvoir, que é uma das principais teóricas do feminismo, e usou a violência contra mulher como tema para a redação.

O ano de 2015 foi considerado a “primavera feminista” não só por ser abordado em provas e na mídia, mas principalmente pela mobilização de milhares de mulheres que ocuparam as ruas contra o PL (Projeto de Lei) 5069, que ameaçava o direito ao aborto legal e o atendimento às vítimas de estupro.

Apesar de uma abertura a discussão e reconhecimento das conquistas feministas, observar-se ainda, uma resistência e hostilidade ao movimento, desinformação sobre a essência do mesmo. Inclusive por mulheres.

Embora argumentando que esse estereótipo vem sendo substituído por um novo, afirma a persistência da ‘mulher masculinizada’ como matriz da nova imagem: Cristalizaram um momento da imagem que fizeram de nós - severas com os homens, coerentes, engajadas, resolvidas e duras -, cristalizadas. E assim nos imortalizaram – e sufocaram. Sufocaram porque a nossa imagem de cristal mais uma vez se volta contra nós: foi criada para isso. Do mesmo modo que, nos anos 70, referiam-se às feministas como 'sapatões', ou 'mal amadas', para afastar de nós as mulheres que pudessem se interessar em discutir as ideias e vivências, a nossa imagem de fortaleza endurecida, de armadura imutável e sem conflitos também assusta e afasta as mulheres, que nos vêm ora como justiceiras, ora como 'fazedoras de cabeça'. MORENO (1988)

Alimentado pela mídia, e por aqueles que tem interesse que a mulher continue submissa, conformada, persiste ainda, o estereótipo da feminista como sendo a mulher feia, mal amada, inimiga ferrenha dos homens, o que tem como objetivo oprimir e desqualificar o movimento.

DESIGUALDADE DE GÊNERO

Além das diferenças corporais externas e dos caracteres sexuais existem muitas diferenças biológicas entre um homem e uma mulher. Mas algumas diferenças são construções culturais para reforçar o status quo.

Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino. Somente a mediação de outrem pode constituir um indivíduo como um Outro. Enquanto existe para si, a criança não pode apreender-se como sexualmente diferenciada. Entre meninas e meninos, o corpo é, primeiramente, a irradiação de uma subjetividade, o instrumento que efetua a compreensão do mundo: é através dos olhos, das mãos e não das partes sexuais que apreendem o universo.

(BEAUVOIR, 1949)

Os papéis sociais começam a ser construídos dentro de casa, nos primeiros anos de vida. As meninas aprendem que há atividades que “não são para elas”, “coisas ditas de menino”, que há lugares aonde elas “não podem ir”, roupas que elas “não devem usar”. Às mulheres é reservado um “manual” de conduta, que envolve aparência, comportamento sexual e também escolhas de vida. Parece um pensamento retrógrado, mas esses conceitos machistas e patriarcais são normalizados pela sociedade e passados de mãe para filha. Por esse motivo, este artigo possui a iminente função de desnaturalizar essas ideias fechadas sobre as diferenças entre homens e mulheres.

Observa-se esse fenômeno já na saída da maternidade, os bebês precisam usar determinadas cores para reforçar sua “sexualidade”. Designam-se cores, brinquedos e brincadeiras de menina e menino. As meninas ganham presentes como bonecas, panelinhas, para que desde pequenas evoluam no “talento feminino”. Enquanto os meninos ganham brinquedos que os desafiem, os façam pensar, desenvolvendo sua capacidade intelectual. Eles são estimulados a brincar nas ruas, terem o visual despojado. E em hipótese alguma brincar de boneca, panelinha ou vestir-se de rosa. Enquanto meninas são estimuladas ao recato.

Feminino e masculino, então, são papéis aprendidos desde a infância, e são reproduzidos de maneira automática, que acabam por se tornar naturais. As meninas e meninos são cerceados ao direito de escolha, de serem livres para escolher o caminho que querem seguir, a sociedade lhes impõe um padrão. e o mesmo não pode ser comparado a um ser que foge a razão. O quanto as convenções sobre esses papéis limitam a criança.

Ainda que se tenham adotado medidas de combate a iniquidade de gênero, mulheres e homens encontram-se distantes da plena equidade. Apesar de terem os mesmos direitos assegurados pela Constituição Federal de 1988 que os percebe como iguais.

Art.5º Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no país a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes:

I - homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações, nos termos desta Constituição .

Um exemplo dessa iniquidade é a diferenciação salarial, observa-se claramente o quanto a mulher ainda sofre no trabalho, pois apesar de terem ganhado destaque em cargos de alto escalão, o salário das mulheres ainda é 30% menor que o dos homens ocupando o mesmo posto. Um estudo recém-divulgado pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) mostra que apesar das políticas destinadas a reduzir as desigualdades, as diferenças salariais relacionadas a gênero continuam significativas em países latino-americanos. A pesquisa aponta que os homens ganham mais que mulheres, em todas as faixas de idade, níveis de instrução, tipo de emprego ou empresa. As mulheres latino-americanas ganham menos, mesmo que possuam um maior nível de instrução.

O papel de soberania imposto pela sociedade ao homem dificulta, muitas vezes, o seu desempenho no ambiente de trabalho, pois esse não aceita com facilidade uma mulher ter cargo superior ao seu. A mulher vira então alvo de chacota e desprezo, seu mérito é deixado de lado, e sua sexualidade é colocada como o real motivo para ocupar tal cargo.

Um aspecto pouco comentado na análise sobre as questões de gênero no mercado de trabalho é a jornada dupla. Mesmo com a luta constante pela igualdade de gênero, as mulheres em sua maioria não recebem ajuda no trabalho doméstico, possuindo assim uma jornada dupla, cuidando dos filhos e da casa. Os papéis não podem ser invertidos, é inadmissível para uma sociedade com princípios patriarcais que homens dividam o trabalho doméstico, ou deixem seus empregos para cuidarem dos filhos.

VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

Uma das consequências desta cultura é a violência contra mulher, um crime grave de violação aos direitos humanos que segue assombrando brasileiras todos os dias. Uma pesquisa divulgada pela central de atendimento à mulher – Ligue 180, revela que no primeiro semestre de 2015 foram registrados em média 179 relatos de agressões por dia, aproximadamente 32 mil ligações sobre violência contra mulher.

Mais da metade dos relatos são de agressões físicas, o que representa em média 92 denúncias por dia. O segundo tipo de violência mais relatado foi o de agressões psicológicas, com aproximadamente 10 mil casos. Dos relatos de violência registrados na Central de Atendimento nos dez primeiros meses de 2015, 85,85% corresponderam a situações de violência doméstica e familiar contra as mulheres. Aproximadamente 67% dos relatos, foram de vítimas que sofreram violência por homens com quem tem ou já tiveram algum vínculo afetivo: companheiros, noivos, maridos, amantes atuais ou ex.

Usa-se o termo Femicídio para designar o assassinato de mulheres, pelo simples fato das vítimas serem mulheres. Dos 4.762 homicídios de mulheres registrados em 2013, metade deles foram cometidos por familiares, sendo 33,2% cometidos por parceiros ou ex-parceiros. O que significa dizer que a cada sete Femicídios, quatro foram praticados por pessoas que tiveram ou tinham vínculo “afetivo” com a vítima.

“Tudo começa com gritos e nunca deve acabar num grande silêncio”. Para proteger a mulher de violência sexual, ameaças, agressões, assassinatos, em setembro de 2006 foi promulgada a Lei 11.340/06, conhecida como Lei Maria da Penha que garante a proteção e medidas de punição a homens que atacam companheiras e ex-companheiras. A lei ganhou este nome em homenagem à Maria da Penha Maia Fernandes, que lutou por vinte anos para ver seu agressor preso.

Biofarmacêutica cearense, mãe de três filhas Maria da Penha foi casada com o professor universitário Marco Antonio Herredia Viveros. E em 1983 sofreu, por parte de seu marido, a primeira tentativa de assassinato, quando levou um tiro nas costas enquanto dormia. Viveiros foi encontrado amarrado na cozinha gritando por socorro alegando que teria sido atacado por assaltantes. Desta primeira tentativa, Maria da Penha saiu paraplégica. A segunda tentativa de homicídio aconteceu meses depois quando Viveiros tentou eletrocutá-la dentro do banheiro de casa. Após as duas tentativas de assassinato por parte do marido, Maria da Penha iniciou várias batalhas contra a impunidade de seu agressor, mas apenas dezenove anos e cinco meses depois da tentativa de assassinato que a deixou paraplégica, Maria da Penha vê seu agressor ser condenado. Ela luta todos os dias para que a lei que carrega seu nome seja conhecida por todo país e levada a sério pelos operadores da justiça, participando de reuniões, seminários. Maria da Penha Maia Fernandes reacende a luz da esperança onde durante anos o silêncio ecoou.

Art. 2º Toda mulher, independentemente de classe, raça, etnia, orientação sexual, renda, cultura, nível educacional, idade e religião, goza dos direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sendo-lhe asseguradas as oportunidades e facilidades para viver sem violência, preservar sua saúde física e mental e seu aperfeiçoamento moral, intelectual e social. (Lei 11.310 de 07 de Agosto de 2006– Lei Maria da Penha)

Mesmo com 98% da população conhecendo a lei Maria da Penha, o número de vítimas ainda é alto, por esse motivo, milhares de mulheres unem-se e lutam todos os dias contra abordagens agressivas, violência psicológica e física, para que sejam assegurados os direitos femininos. Pois, a mulher precisa ser vista como membro ativo da sociedade, precisa ser respeitada, ter garantida sua liberdade. O trabalho de campo que será apresentado posteriormente se junta a missão de divulgar esta lei e os direitos que as mulheres vítimas de violência doméstica possuem.

CULTURA DO ESTUPRO

A cada três horas uma mulher é estuprada no Brasil. Em média oito mulheres são estupradas por dia ou 1 a cada três horas. E esses números são apenas os denunciados pelo telefone Ligue-180. Após o estupro muitas vítimas se sentem envergonhadas, frágeis e com medo. Essa mistura de sentimentos faz com que muitas mulheres não denunciem, por acharem que “não dará em nada”.

O estupro é uma forma de violência, poder e opressão masculina, não de desejo sexual. Na teoria feminista quando a violência sexual se torna algo usual, recorrente dentro de uma sociedade, usa-se o termo cultura do estupro para nomear tal abuso. Esse termo é utilizado dentro de um contexto no qual o abuso sexual é normalizado devido atitudes sociais sobre gênero e sexualidade.

O termo cultura do estupro começou a ser utilizado nos anos 70, quando feministas americanas promoveram esforços de conscientização, que tinham objetivo de alertar a sociedade sobre a realidade do estupro. O fato do estupro ser categorizado como cultura, é para que se possa repensar e abolir essas invasões, pois toda forma de cultura é passada adiante e as pessoas crescem achando que isso é normal. Como na década de 70, podemos observar que essa cultura permanece. Por esse motivo, é necessária a abertura de um diálogo, para que possamos desmistificar e combater a banalização da violência contra mulher. Não entender estas considerações é uma emboscada, e ajuda na perpetuação da impunidade e ignorância em torno de problema.

Numa cultura do estupro, as pessoas são rodeadas de imagens, linguagem, leis e outros fenômenos diários que validam e perpetuam o estupro. A cultura de estupro inclui piadas, TV, músicas, comerciais, jargão legal, leis, palavras e imagens, que fazem a violência contra a mulher e a coerção sexual parecerem tão normais que as pessoas acreditem que o estupro é inevitável. Ao invés de ver que a cultura do estupro é um problema a ser resolvido, pessoas numa cultura de estupro pensam que a persistência do estupro é ‘o jeito que as coisas são’. (BROWNMILLER, 1993)

A ideia de que o estuprador é apenas aquela pessoa desconhecida, com problemas mentais que irá te atacar com armas em vielas, ruas escuras no meio da madrugada deve ser deixada de lado. A maioria dos estupros ocorre entre familiares e amigos. Muitas vezes o inimigo está mais perto do que se pode imaginar, são pessoas próximas, que a vítima tem admiração. Embebedar uma pessoa e depois ter relações sexuais com ela, por exemplo, também é estupro, pois a pessoa não estava consciente para aprovar o ato.

Não existe um meio termo quando se trata de estupro, se não teve um consentimento expresso é estupro. O que seria chamado “Estupro cinza”, que significa um meio caminho entre a aprovação e negação. O uso desse termo demonstra em grande parte o desconhecimento em torno do que significa consentimento. Isso pode se dar pela ideia de romantizar a conquista, e achar que não pode significar sim, se ele não é dito com clareza. Só a consentimento se o sim é dito com ênfase.

"Estes homens acreditam piamente que ‘não’ significa ‘insista’, e nunca se veem como estupradores, apesar de admitirem o padrão de ignorar e suprimir a resistência verbal e física PERRY (2008)"

Culpar a vítima, dizer que a mesma tem responsabilidade pelo próprio estupro é desumano. Mas algumas pessoas não se importam, ridicularizam a vítima, transformam-na em objeto, comparam-nas com pessoas

que foram assaltadas por que estavam com o celular nas mãos. Culpam-nas pela roupa, maneira como ela se comporta, o horário em que saíram de casa ou seus hábitos. O mesmo vale para quem compartilha fotos e vídeos de pessoas em momentos íntimos, esse só está ajudando a perpetuar a ignorância. E contribuindo para a dor de pessoas, que muitas vezes recorrem a atitudes extremas. Se a pessoa optou por uma vida sexualmente livre, isso não faz dela merecedora de um crime cruel como esse. A punição para quem ofender a dignidade ou o decoro de pessoas com quem mantém ou manteve relacionamento ao divulgar imagens, vídeos ou outro material com cenas de nudez ou de atos sexuais pode levar detenção de 03 meses a 01 ano

Na Espanha, a magistrada María del Carmen Molina Mansilla perguntou a uma vítima durante depoimento: ‘fechou bem as pernas?’ e ‘fechou toda a região dos órgãos femininos?’. Durante as declarações, segundo a Associação Clara Campo Amor, a juíza mostrou uma ‘clara predisposição de incredulidade sobre o testemunho da denunciante, interpretando-a sem deixar terminar com a resposta, realizando perguntas sugestivas e condicionando suas declarações’. A situação começou em 16 de fevereiro na cidade de Vitoria, na Espanha. A vítima denunciou à polícia e pediu proteção de um homem que a maltratava com agressões sexuais e psicológicas.

Assédio sexual é caracterizado por qualquer comportamento sexual indesejado, desde o toque até comentários com conotação sexual. Mulheres sofrem todos os dias devido à cultura machista em que estão inseridas. O assédio se torna realidade da mulher desde cedo, seja por um professor no colégio, um familiar, chefe ou até homens desconhecidos que se acham no direito de proferir palavras invasivas e repugnantes. Não, mulheres não gostam de cantadas nem olhares quando eles são invasivos, não gostam de receber elogios se o flerte não for recíproco. Isso não faz bem ao ego, isso é comportamento de uma cultura que visa a mulher como objeto sexual.

Em 2015 foi lançada uma campanha #meuprimeiroassédio em que mulheres relatavam o primeiro caso de assédio sexual sofrido por elas. Essa campanha foi abraçada por mulheres de todo Brasil, e muitas vítimas conseguiram compartilhar pela primeira vez a dor de uma vida. Essa liberdade de falar abertamente de um assunto menosprezado por grande parte da população, só foi possível devido à luta diária de mulheres que se uniram para transformar a perspectiva de mulher, e a bravura de vítimas que compartilharam suas histórias, para tirar as vendas da sociedade e trazer à tona essa realidade tão silenciada, que é muito conhecida pelas mulheres.

Muitas conversas sobre estupro estão focadas no comportamento preventivo, sobre o que a mulher deve ou não fazer, o que não usar, quando não sair. Mas essa lógica não coloca responsabilidade alguma sobre os autores. Não existe um meio da vítima evitar o estupro quando a mulher é vista como objeto sexual disponível a qualquer hora para o prazer pessoal de um homem.

O que deve ser desconstruído são os conceitos masculinos, a essência machista de uma sociedade que prega a soberania, que sexualiza a mulher e banaliza a violência contra a mesma. Deve-se ensinar os meninos desde a infância sobre igualdade de gênero, e que é preciso respeitar os limites pessoais e sexuais de toda mulher. Se esses não mudarem seus conceitos e comportamentos, de nada valerá a precaução feminina.

Fazer piadas e ridicularizar a violência sexual e doméstica ajuda a normalizar, tolerar tamanha

crueldade, reforça a mensagem de que isso é natural, acaba por incentivar ainda mais atitudes violentas. Em 2012 o comediante americano Daniel Tosh fez uma “piada de estupro” quando um membro da plateia o censurou e a história se tornou viral. Ele disse: “Não seria engraçado se aquela garota [referindo-se a um membro da plateia que o censurou sobre piadas de estupro no início da apresentação] fosse estuprada por cinco caras neste momento? Agora mesmo?” A moça saiu de lá apavorada, enquanto o público inteiro ria e olhava pra ela .

As vítimas de estupro aprendem a sentirem-se culpadas, “alguma coisa elas fizeram para merecer isso”. Por isso o medo de denunciar é algo tão normal, visto que a sociedade vê a violência sexual como algo menor, com pouca importância. Desde a polícia, familiares, amigos, até a mídia. Mas é preciso romper o silêncio. Falsas acusações de estupro também contribuem para isso, pois causam desconfiança e tiram o “foco” da verdadeira vítima. A desconstrução destes conceitos ajudará a mudar essa triste estatística.

Estou falando de uma construção cultural nojenta, destrutiva, que encoraja as mulheres a culparem a vítima, a se odiarem, a se culparem, a se responsabilizarem pelo comportamento criminoso dos outros, a temerem seus próprios desejos e a desconfiarem dos seus próprios instintos.
(JERVIS, 2008)

Deve-se ressaltar que mulheres negras e indígenas, sofrem o dobro pelo machismo aliado ao racismo que as objetificam ainda mais, e fazem com que as mesmas fiquem mais vulneráveis ao estupro. Mulheres casadas também são vítimas dessa violência por seus próprios maridos, pois fazer sexo, tocar uma mulher enquanto ela dorme é mais comum do que imaginamos, e também é considerado estupro, pois essa não consentiu o ato.

DESPERTANDO O OLHAR

O projeto Semente do Bem é o trabalho de conclusão do curso “Projeto de Vida: Formação Complementar em Direitos Humanos”. Esse se deu em três encontros com um grupo de estudantes de faixa etária entre 13 e 15 anos, da Escola Municipal Christiano Hamann - Gávea, Rio de Janeiro e, teve o objetivo de desconstruir os principais enfoques adotados pela sociedade nas últimas décadas, no que diz respeito a questão de gênero.

Com o objetivo de quebrar o gelo e introduzir o assunto, o projeto foi iniciado como uma conversa sobre o que seria para eles feminismo. Para o nosso espanto, apenas um aluno tinha a real dimensão do que se tratava essa luta. E para uma maior surpresa, o mesmo era menino.

Buscando uma linguagem e forma de abordar o assunto de modo descontraído, resolvemos levar cartazes com temas, para que os estudantes colassem fotos, e relatassem ali exemplos. Os temas se tratavam de: O que é machismo e feminismo, desigualdade de gênero; violência contra mulher, assédio sexual, meninas também podem fazer coisas “ditas de meninos” e vice versa, retratação da mulher pela mídia. Como proposta para o segundo encontro foi sugerido o seguinte questionamento, o que podem/ fazem sendo menino/menina e o que fariam/deixariam de fazer se tivessem o gênero oposto?

Essas questões tiveram o objetivo de esclarecer como as mulheres e os homens vivem engessados por uma construção social. Mostrar-lhes que mulheres são privadas de determinados comportamentos, lugares, apenas por serem mulheres, que a lógica machista e patriarcal de nossa sociedade as excluem e tratam-nas como objeto.

O intuito da primeira fase do projeto foi despertar nos alunos quais são as atitudes que perpetuam a desigualdade entre gêneros e formas para desconstruí-las. Como fechamento dessas propostas, buscamos letras de músicas machistas, presentes no nosso cotidiano, e propomos que elas alterassem os versos que considerassem machistas, por versos a favor da igualdade de gênero.

As crianças, então, escolheram a música “Mulher não manda em homem-Grupo Vou para o Sereno” e fizeram juntas as modificações.

“Agora é que eu não vou	Agora que eu vou
Pra casa descansar	Pra casa te buscar
Mulher não manda em homem	Mulher é igual ao homem
E você quer me mandar	E isso ninguém vai mudar
Com tanta roupa suja em casa	Com tanta roupa suja em casa
Você vive atrás de mim	Eu e você no botequim
Mulher foi feita para o tanque	Então vamos para casa
Homem para o botequim”	Lavar tudo juntinho

Como propõe o nome do grupo, queríamos plantar uma semente do bem, do amor, da igualdade de gênero. Despertar nos estudantes um novo olhar, para que eles possam construir juntos um futuro sem distinções, para que mulheres e homens sejam tratados com o mesmo respeito, tenham garantidos os mesmos direitos. Acreditamos que isso é possível, se começarmos a ensiná-los que desde novos que são iguais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Inúmeros foram os avanços da sociedade para a redução das desigualdades entre homens e mulheres. Cada vez mais encontram-se mulheres na ciência, política, tarefas tradicionalmente masculinas. As mulheres estão provando para si mesmas que podem realizar o que quiserem. O que foi possível, apenas, pela luta de mulheres que uniram-se para mudar o panorama da sociedade e romper os estereótipos dados a elas. Fazendo com que o movimento feminista fosse legitimado gradativamente, e pudesse ser tratado hoje com maior naturalidade e discutido abertamente com estudantes, sem maiores repressões.

Mas isso não diminui a urgência em perceber a dolorida permanência do machismo como obstáculo à plena equidade entre homens e mulheres. Para isso basta perceber a quantidade diária de crimes praticados contra mulheres, sejam eles assédio, violência sexual ou doméstica; a diferença salarial, e a lógica da sociedade que não evoluiu, e enxerga o corpo feminino como sendo de “todos”, suscetível a desrespeito por parte de alguém, sem que isso pareça errado.

Compreendendo a importância de se iniciar um diálogo desde cedo, o presente artigo, pretende abrir os olhos, aguçá-los, principalmente, os jovens a refletirem sobre determinados comportamentos e condutas a que estão submetidos.

DESPERTAR O OLHAR: ATÉ QUE PONTO AS POLÍTICAS SOCIAIS DEFINEM O PADRÃO DE MULHER?

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*. 2. ed. França: Gallimard, 1967.

BROWNMILLER, Susan. *Against Our Will: Men, Women and Rape*. Estados Unidos: Ballantine Books, 1993.

FRIEDMAN, Jaclyn; VALENTI, Jessica. *Yes Means Yes*. Estados Unidos: Seal Press, 2008.

BRANDÃO, Margarida Luiza Ribeiro; BINGEMER, Maria Clara Lucchetti. *Mulher e relações de gênero*. Rio de Janeiro: Loyola, 1994.

BRODERICK, Ryan; TESTA, Jessica; NIGATU, Heben. *What Is Rape Culture?*:2014. Disponível em: <<http://www.buzzfeed.com/ryanhatesthis/what-is-rape-culture#.soBd0KGN2>>. Acesso em: 19 mar. 2016.

BRASIL, Portal. *179 relatos de violência contra mulheres por dia em 2015: o balanço do Ligue 180*. 2015. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2015/10/179-relatos-de-violencia-contra-mulheres-por-dia-em-2015-o-balanco-do-ligue-180>>. Acesso em: 20 mar. 2016.

ATITUDE, Compromisso e. *Dados nacionais sobre violência contra as mulheres*. 2015. Disponível em: <<http://www.compromissoeatitude.org.br/dados-nacionais-sobre-violencia-contra-a-mulher/>>. Acesso em: 23 mar. 2016.

BRASIL, Bom Dia *Uma mulher é estuprada a cada três horas no Brasil*. Disponível em: <<http://g1.globo.com/bom-dia-brasil/noticia/2016/01/uma-mulher-e-estuprada-cada-tres-horas-no-brasil.html>>. Acesso em: 26 mar. 2016.

GÊNERO, Observatório Brasil da Igualdade de. *Homens recebem salários 30% maiores que as mulheres no Brasil*. Disponível em: <<http://www.observatoriodegenero.gov.br/menu/noticias/homens-recebem-salarios-30-maiores-que-as-mulheres-no-brasil/>>. Acesso em: 21 mar. 2016.